



**Universidade Federal de Santa Catarina  
Colégio de Aplicação**



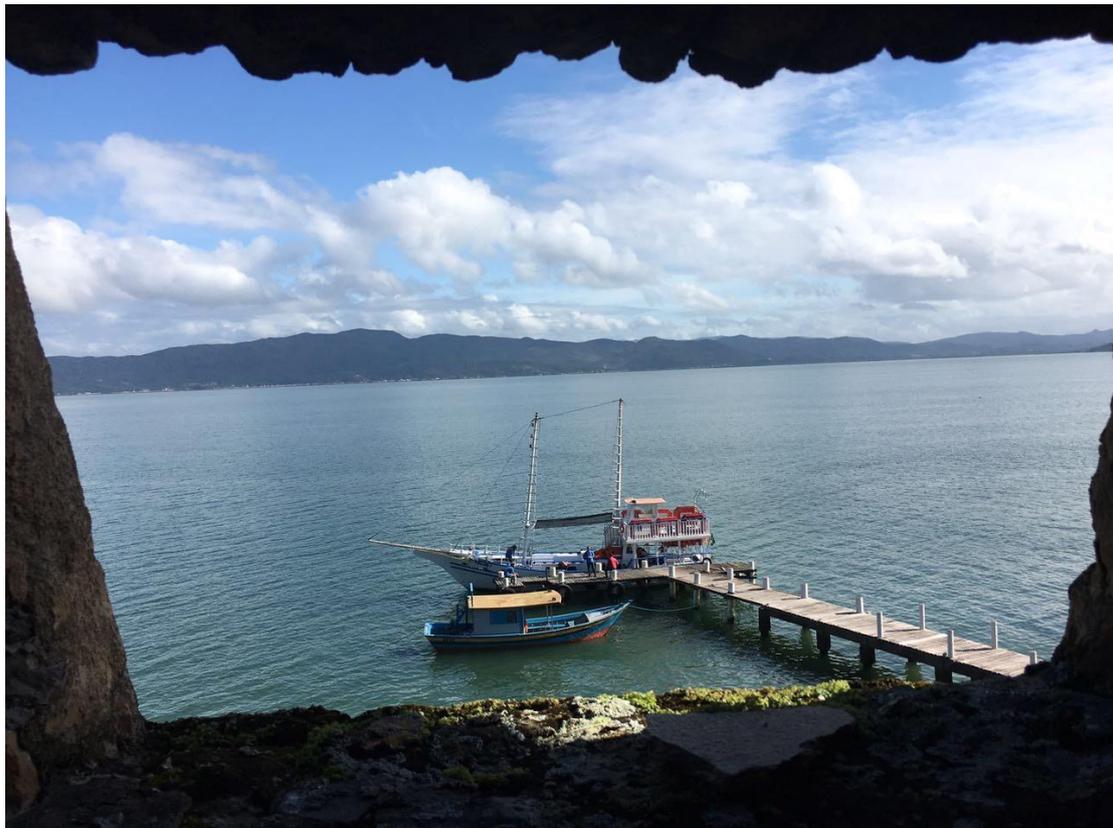
**Profs:** Aline, Camila, Camilo, Ciriane, Ivan, Karen,  
Nara e Raphaela

**Disciplinas:** Biologia, Educação Especial, Estudos Latinos-Americanos, Geografia, História,  
Língua Portuguesa e Sociologia

**Alunas:** Karine Simone dos Santos e Thaynara Rosa e Silva

**Turma:** 1B.

**Desbravando terras desconhecidas**



Florianópolis, 14 de Julho de 2017

Despertei numa manhã de terça-feira, dia 04 de julho de 2017. Eram 05h20min da manhã, quando acordei ao som ensurdecedor do despertador, levantei e logo fui me arrumar, nesse dia faria uma viagem a qual há muito tempo vinha desejando. O tempo estava nublado e com muitas nuvens quando saí de minha casa, havia resquícios de chuva da noite anterior por todo lado. O frio pairava entre minhas vestes e tomava conta de todos ao meu redor. Estava eu, logo cedo, indo a caminho de uma longa jornada.

Ao chegar ao colégio (onde nos encontraríamos), deparei-me com uma grande turma de alunos e logo já vi minha dupla parada à minha espera. Estávamos todos empolgados para este dia. Foi então que, antes de sairmos, fomos até um grande auditório, onde ouviríamos algumas instruções sobre a viagem. Após um período esperando, nos direcionamos até o ônibus que já estava à nossa espera. Embarcamos no veículo às 08h20min e nos sentamos até que todos já estivessem acomodados. Eram 08h25min, quando todos já estavam nos seus devidos acentos e então o motorista deu partida. Estávamos em 45 estudantes, 4 professores, 2 intérpretes, 1 pedagoga e 1 estagiária do Projeto Fortalezas da Ilha.

No caminho, os estudantes ligaram uma caixinha de som portátil e colocaram várias músicas as quais não me agradavam nem um pouco, o som estava estridente e incomodava muitas pessoas. Ignorei este fato e me distraí com a música que coloquei em meu fone de ouvido. Comia alguns aperitivos até que chegássemos à Escola do Mar, onde nos encontraríamos com o professor Luís, que nos conduziria por esta viagem.

Vale a pena relatar aqui que a Escola do Mar é coordenada pela Prefeitura Municipal de Florianópolis e pela Secretária Municipal de Educação. O projeto realiza atividades que contribuem para a sustentabilidade na Ilha de Santa Catarina, através da sensibilização dos cidadãos aos problemas ambientais do município e região. É responsável também por organizar diversas atividades entre as escolas de bairro, procurando sempre conscientizar sobre o meio ambiente e enfatizando a educação marinha e costeira.

As horas foram passando e, olhando as paisagens por fora da janela, fui imaginando o quão belas as ilhas deveriam ser: muitas árvores nativas, casebres antigos, águas cristalinas, vegetação abundante, construções de época... Era tudo muito lindo na minha imaginação, porém, ao voltar meus olhos às ruas, fiquei decepcionada ao notar o quanto de lixo podíamos encontrar nas beiradas de estradas e no meio da vegetação. Papéis de bala, pacotes de tudo quanto é tipo de alimento, garrafas pets, latinhas e outras diversas coisas.

Já eram 09h, quando o motorista do ônibus encostou em frente à praia de Canasvieiras para que pudéssemos descer, ali atravessamos a rua e fomos em direção à Escola do Mar. Esperamos até que os responsáveis já tivessem resolvido a burocracia envolvida e fomos então até a beirada da praia para recebermos mais algumas das informações que não nos foram passadas enquanto estávamos no auditório. Após muitas explicações sobre a embarcação, cuidados necessários e o modo certo de colocar o colete salva-vidas, nos direcionamos ao barco.

Era uma linda manhã, o tempo já havia aberto e o sol se escondia vergonhosamente dentre as nuvens, o mar estava calmo e a água muito gelada. Logo, quando nos deparamos com o trapiche da praia, pude ver à frente a embarcação que já estava à nossa espera. Era um barco pequeno, bem menor do que eu achei que seria, admito, pois para comportar quase 60 pessoas, imaginei algo pelo menos um terço maior. Sua cor era branca, azul e vermelha e havia 4 tripulantes a bordo. O espaço era bem pequeno, o que me levou a pensar que se entre nós existisse algum cadeirante, iríamos passar por muitos perrengues e até colocar a pessoa numa situação desagradável e bem desconfortável. O barco contava com boias e balsas salva-vidas, o que era um ponto bem relevante se caso viesse acontecer algum ocorrido inusitado.

Ao entrar, colocamos nossos coletes salva-vidas, deixamos nossos pertences guardados e nos sentamos. O comandante deu as últimas informações e uma das marinheiras checkou os coletes. Após isso, quando já eram 09h30min, finalmente o barco deu partida rumo às ilhas.

Tudo era tão lindo ao nosso redor que meus olhos mal podiam contemplar tamanha beleza. O som que a água produzia ao bater na estrutura era como música para os meus ouvidos, um calmante. Respiro fundo e apenas tento pensar em todos os motivos que me trouxeram até aqui...

Era incrível notar como as coisas na ilha de Santa Catarina ficavam cada vez mais pequenas conforme íamos nos afastando dali. E só então que, com um beliscão de minha amiga, pude ver que a Raphaela, nossa professora de Geografia, já havia pego o microfone e estava passando em alta voz algumas informações muito importantes sobre os lugares pelos quais passávamos lentamente.

Ao nosso lado esquerdo, podíamos ver parte da ocupação da orla, inclusive passamos por um local no qual o mar já havia avançado e devido a isso os moradores tiveram que fazer muros de contenção, para fazer uma espécie de obstáculo e impedir que o mar avançasse ainda mais. Observamos também os efeitos de habitar em lugares perto do mar. Ainda mais quando não é um espaço adequado para moradias. A praia de

Canasvieiras, há muitos anos atrás, era muito limpa e bem preservada. Atualmente podemos notar o quanto ela está poluída e observar como as pessoas não obedecem às leis estabelecidas sobre ela. Ambulantes irregulares vendendo sem apresentar normas básicas de higiene, estacionamentos em locais proibidos, restaurantes e condomínios e as mais variadas situações inapropriadas que podemos encontrar apenas ao andar na praia.

Quando passamos pelo fim da praia de Canasvieiras, o Luís, professor da Escola do Mar, usou o microfone novamente. Pude começar a enxergar a praia de CanaJurê tomando forma em nosso lado. Eu morava tão perto dali e tivera tantas lembranças boas e ruins daquele cais, mas que para nós, no momento, não possuíam relevância alguma.

Ao decorrer do trajeto, o Luís foi conversando e desenvolvendo conteúdo sobre a praia de Jurerê Tradicional/Internacional, mas que, como num piscar de olhos, me vejo perdida observando aquela imensidão de prédios. Era tão empolgante a sensação de poder conhecer os dois lados das informações dadas a nós naquela hora, e saber que eu crescera no meio de tudo aquilo. As coisas iam tomando forma em minha mente e eu prestara bastante atenção a cada informação que nos era fornecida.

Passamos rapidamente pela Fortaleza São José da Ponta Grossa, que fora projetada por José da Silva Paes, assim como as outras, para fazer parte e formar o triângulo defensivo da ilha, estando localizada na praia do forte. A passagem pelo mar em frente à fortaleza fora tão rápida que mal pude observar com riqueza os detalhes daquele lindo lugar. Já eram 10h09min, quando passamos a fortaleza de São José da Ponta Grossa e nos direcionamos à ilha de Ratoes Grande, onde faríamos nossa primeira parada.

Ao chegarmos ao atracadouro, as 10h42min, fiquei encantada com a diversidade de cores que podíamos encontrar ali mesmo, era como se tudo saísse de dentro de uma palheta de cores. Sobrevoando a ilha, pude ver diversos pássaros. Imaginei que por aqui deviam existir muitas espécies de aves.

Eu e minha dupla fomos das primeiras pessoas a descer no trapiche e, já logo de início, tirei muitas fotos daquele lugar tão belo e tão cheio de histórias. Quando finalmente pisamos em terra firme, a sensação de lar me tomou por completo. E, ao olhar para cima, pude contemplar aquele lindo céu e os pássaros, que preenchiavam grande parte da imensidão azul acima da fortaleza.

Por um momento me peguei sentada à beira da Portada, refletindo sobre tudo o que estava diante de meus olhos. Essa oportunidade, que talvez por muitos longos anos seria única, às pessoas à minha volta, as construções, era tudo tão radiante e eu me

perguntava se conseguiria chegar até aqui com uns 60 anos a mais. Me perguntei durante todo o trajeto como uma pessoa com alguma deficiência conseguiria vir até aqui. Se nós que não possuímos nenhuma deficiência visual e muito menos locomotiva, por muitas vezes encontramos dificuldade ao subir alguns pontos dessa fortaleza, imagine então uma pessoa com tamanho grau de dificuldade, o que faria?

Alguns locais muito escorregadios e sem qualquer ajuda disponível. Não há também nenhuma forma de algum deficiente visual conseguir se comunicar, mas, havia conosco dois interpretes, devido a uma das alunas necessitar desse meio de comunicação que a libras proporciona.

Suspiro. Quem me dera se essas dificuldades fossem apenas frutos da minha imaginação.

Acordei de meus pensamentos quando ouvi a Karine, minha dupla, gritando lá de baixo para que eu fosse ver como o mar estava cristalino. Tivemos um pequeno espaço de tempo livre, andamos por toda a ilha tirando fotos e procurando o melhor ângulo para nossas fotografias. Admiramos o mar, coisa que nos rendeu muitas fotos de todos os lugares possíveis naquela ilha. Para todos os lados que olhávamos, era possível ver história e nos sentir realmente dentro de um filme antigo. Aquilo tudo enchia meus olhos de encanto e curiosidade, e eu só pensava no quanto gostaria de saber mais.

Em meio à Baía Norte da Ilha de Santa Catarina, ergue-se esta Fortaleza. Construída pelo governo português a partir de 1740. Arquetada pelo brigadeiro José da Silva Paes, compunha o sistema triangular de defesa da Barra Norte, formado ainda pelas fortalezas de Anhatomirim e Ponta Grossa.

Na segunda metade do século XIX, abrigou também um lazarento para doenças epidêmicas, e a Marinha a utilizou por muito tempo como depósito de carvão em meados daquele século e no início do século XX. Fora abandonada em ruínas após esse período e foi só em 1990 que recebeu sua restauração através do Projeto Fortalezas da Ilha de Santa Catarina.

Logo acima, quando terminamos nosso tempo livre, os professores nos pediram que nos direcionássemos todos para a parte de cima da Fortaleza. Foi quando avistamos a portada novamente e podíamos perceber que ela é ornada por uma moldura de granito lavrado, encimada por um frontão triangular de inspiração renascentista. Era guarnecida por uma porta (provavelmente de madeira), por um fosso seco com uma ponte levadiça, que servia para dificultar a entrada, cujas hastes se recolhiam nos rasgos verticais da fachada. A Guarita, a Casa do Guarda, o corredor abandonado, a rampa em formato curvo e o muro em frente à porta (barbacã) complementavam a defesa do acesso interior

da fortificação.

Depois de passarmos pela portada, chegamos à parte de cima da fortaleza, fomos em direção ao edifício da Casa do Comandante, que como todas as outras construções e muralhas, foi construído com alvenaria de pedras (granito extraído da própria Ilha de Ratonés), e era revestido originalmente com reboco de cal e areia. A cal era produzida com as conchas de moluscos, abundantes na região.

Em frente à Casa do Comandante, podíamos ver a Casa da Parlamentaria, onde eram guardados todos os aparelhos e apetrechos para o funcionamento dos canhões. As construções eram de arquitetura sóbria e harmoniosa, até mesmo um pouco assustadora. Em frente naquele mesmo local, observamos dois canhões de porte pequeno, as madeiras que os seguravam já estavam apodrecidas, pois foram trazidas na época da Revolta da Armada. O peso delas é tão grande, que se acontecesse algum incidente e caísse por sobre uma pessoa, a pessoa certamente não sobreviveria até um helicóptero de socorro chegar.

O professor Luís nos explicou que a Ilha de Ratonés é totalmente coberta por mata atlântica secundária, mas nem sempre foi assim. A vegetação nativa foi destruída com a extração de madeira. Levando consigo toda a mata atlântica primária (original). Então, após a revitalização, a mata foi novamente replantada, tornando-se uma mata reconstruída. Meu coração apertou ao processar essa informação. Não conseguia entender como alguém era capaz de causar tantos danos à natureza.

Quando as explicações sobre a fortaleza chegaram ao fim, me peguei flutuando em um mundo de pensamentos paralelos. Era como se tudo estivesse acontecendo naquele exato momento. Na minha imaginação, era possível ver tudo o que o professor Luís estava explicando. Era como se os homens daquela época estivessem ali, prontos para atirar alguma bomba contra algum navio inimigo. É extremamente intrigante pensar que tudo aquilo realmente aconteceu e hoje faz parte da história do nosso passado.

Ao voltar para realidade e tentar não pensar nas coisas que ainda vagavam pela minha mente, descemos todos até a entrada da ilha de Ratonés e voltamos para nossa embarcação. Olhei para as horas no meu celular, 11h23min. O tempo passara tão rápido que nem me dei conta que ficamos quase 40 minutos explorando cada canto daquela Ilha.

O barco já tinha dado partida e dessa vez nos levaria até a Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim, onde nossa passagem seria um pouco mais extensa. Eu estava empolgada e com fome. Muita fome.

Admito que, com a fome que eu estava, a navegação até a próxima Fortaleza demorou um pouco. E eu já estava ficando exausta. Meu corpo doía e meu estômago estava embrulhado. Roncava de fome. Quanto mais eu pensava naquilo, mais demorava a chegada.

Desembarcamos no cais da Ilha de Anhatomirim, 17 minutos depois, quando já eram 11h40min. Confesso que foram os 17 minutos mais longos da minha vida.

Todos queriam pegar suas mochilas e entrar na ilha o mais rápido possível para lanchar. Porém, todas as nossas esperanças de que isso acontecesse foram frustradas quando a marinheira pediu para que nos organizássemos em fila para desembarcar. Obedecemos. Mas a ideia não foi aceita de bom grado por todas as pessoas. Ao descer da embarcação, estávamos todos com mochilas trocadas e, como imaginei, foi a maior bagunça até encontrarmos os respectivos donos.

Peguei minha mochila que estava com um colega de classe e corri imediatamente entrada a dentro para pegar um bom lugar para sentar e lanchar. Sentamos e nos distribuímos nas mesas que foram colocadas à nossa disposição. Tivemos cerca de 20 minutos para comer e fazer o que quiséssemos. Quando os professores nos chamaram, meu relógio já marcava 12h10min. E assim nos direcionamos até as escadarias da grande Portada da Fortaleza. Ali começariam as primeiras explicações sobre esta ilha tão cheia de histórias.

Como já tinha imaginado, a Fortaleza em si não possui acessibilidade alguma, assim como a Fortaleza anterior. Pessoas com qualquer tipo de deficiência irão encontrar muita dificuldade para conseguir realizar o passeio pela Ilha, como, por exemplo, uma pessoa com dificuldades para andar ou até mesmo um cadeirante. A Ilha contém escadas, ladeiras, mas, nenhuma rampa para fazer o trajeto. Sendo assim, dificultaria sua visita.

A portada da ilha se parece com uma construção oriental. José da Silva Paes, engenheiro da coroa portuguesa, projetou desta forma, pois remete a uma colônia que Portugal tinha em Macau, na China. Na sua parte inferior, possui duas guaritas em forma de funil, o que dificultava a chegada de invasores. Sua escadaria é feita de lioz, uma pedra trazida de Portugal, mas também conhecida como “mármore português”. Esta pedra vinha para o Brasil como contrapeso no porão dos navios, era preferencialmente utilizada nas partes nobres das construções mais requintadas.

Confesso que, ao fim da explicação sobre a portada, ao olhar para cima, estremei. Eram muitos degraus, por sinal, bem altos. Subimos e fomos todos para a parte superior da ilha. Meus pés cansaram e minha respiração ficou ofegante. Sentamos, em frente à

nova Casa do Comandante, para receber informações sobre as construções ao nosso entorno.

Quando estava a observar a flora abundante ao meu redor, pude perceber a existência de muitas árvores chamadas Sisal, de origem mexicana. Hoje em dia a Bahia é dos grandes produtores de Sisal. Na indústria automobilística, é usado para para-brisas, pois a fibra dela é um tipo de material extremamente resistente. Havia também muitas árvores que são chamadas de Andiroba. Antigamente as pessoas retiravam a poupa do fruto, cozinhavam com outras coisas e “fabricavam” o sabão.

A arquitetura da ilha possui traços de influência renascentista. Os materiais utilizados para sua construção foram tirados da própria ilha, com exceção da pedra de lioz.

Em frente à Casa do Comandante, podíamos ver o Paiol da Pólvora, que tinha sua arquitetura parecida como a de uma casa para confundir os invasores. Os inimigos não imaginariam que ali eram guardadas todas as munições da ilha. Ele ficava em uma das localizações mais altas da Fortaleza, tornando-o inatingível pelos canhões dos navios da época. A Nova Casa do Comandante, onde estávamos sentados, era usada como Capela, mas logo entre os anos de 1878 e 1895 foi demolida. Ela abrigava o comandante e o médico da fortificação.

Logo que saímos de onde estávamos sentados, andei um pouco à frente para tirar algumas fotos, foi então que me deparei com um edifício muito grande e bonito. Sua coloração era branca e os frisos das janelas eram verdes. Ali, na parte superior, residia o comandante, enquanto o andar térreo era ocupado como residência de alguns oficiais.

Desci uma pequena ladeira em sua frente e pude ver o oceano Atlântico. Fiquei abismada com tamanha exuberância da natureza. Sentei e tirei muitas fotos daquele lugar que ficaria para sempre em minha memória.

Ao lado direito dessa construção, havia uma imensa jaqueira, cheia de frutos, que fazia aquilo tudo ficar ainda mais belo. Andei até lá e me deparei com uma gigantesca construção. Sua parte inferior parecia um enorme galpão, o que na verdade não deixava de ser. O Calabouço ou Alpendres era um lugar de prisão preventiva ou provisória de inimigos ou, como era comum, dos próprios soldados da Fortaleza. Inicialmente essa área era utilizada para guardar as carretas – reparos – dos canhões e protegê-las das intempéries. Em cima da Calabouço/Alpendres ficava o Quartel da Tropa.

Fomos rumo a uma pequena “trilha” e no caminho passamos pela Árvore dos Enforcados, que faz parte do folclore da Ilha de Anhatomirim. A árvore em questão é um araçazeiro que, segundo a lenda, teria sido o local de enforcamento e fuzilamento de prisioneiros no final da Revolução Federalista. Diz a lenda que, se ficarmos em silêncio, é

possível ouvir os gritos e gemidos dos enforcados. Mais adiante, passamos pela Estação Radiotelegráfica, onde encontramos diversas capivaras se alimentando. O professor Luís nos contou que era bem típico encontrar capivaras pela ilha, pois elas são apenas algumas das espécies que vivem na Fortaleza. Depois de ficarmos muito tempo as observando, tiramos algumas fotos e seguimos em frente.

No caminho, encontramos a Usina Elétrica, que foi o lugar onde se abrigou o primeiro gerador de energia elétrica da Fortaleza, responsável também pelo fornecimento da energia necessária ao funcionamento dos equipamentos de radiotransmissão da Estação Radiotelegráfica. Vimos também os trilhos, que transportavam materiais para a parte de baixo da Ilha.

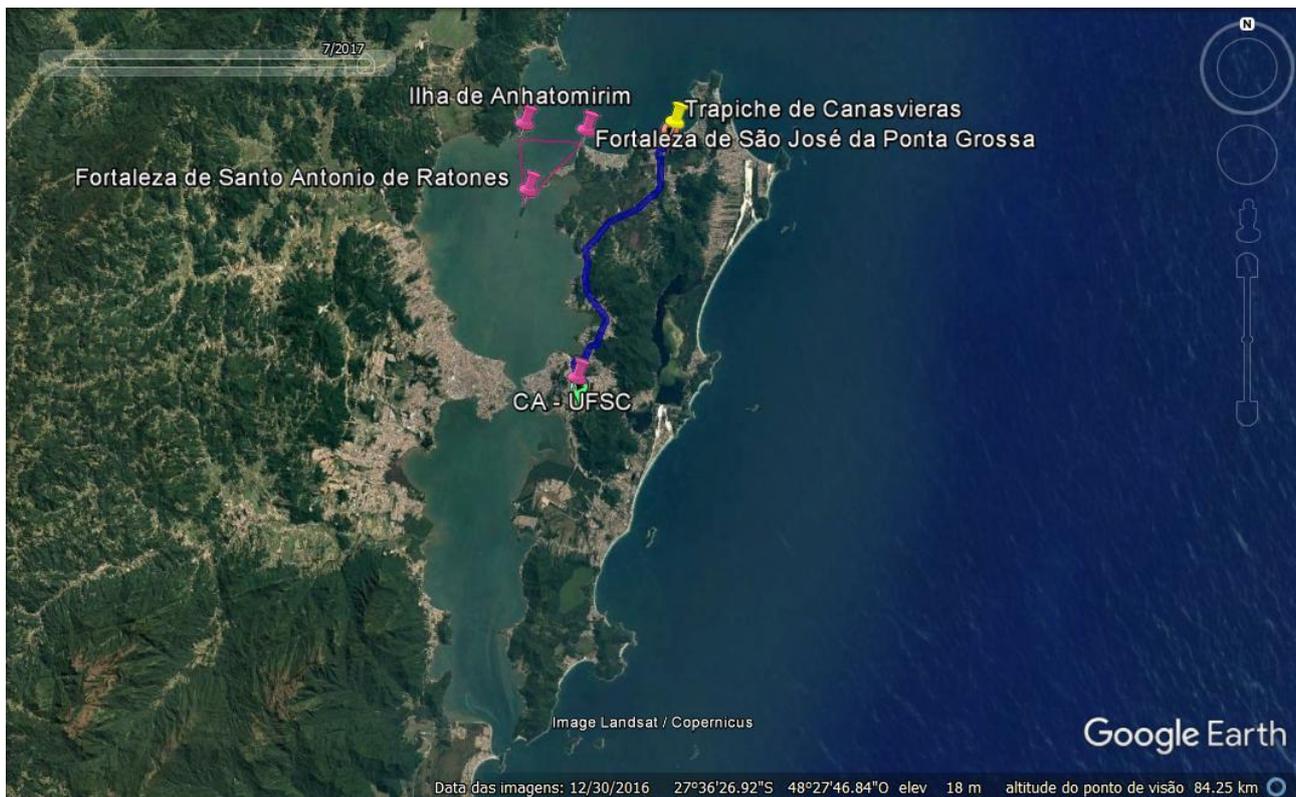
Ao terminarmos a pequena “trilha”, que nos cercava, acabamos por chegar em frente à Portada novamente. Descemos e ali esperamos até que todos já tivessem chegado para irmos embora.

As descobertas desse dia me faziam refletir, era tudo tão novo para mim. Eu só conseguia pensar no quão maravilhosa tinha sido toda essa experiência vivida não só por mim, mas por todos os meus colegas. Acho que esse momento que passamos juntos foi algo muito importante, não só pela saída de estudos em si, mas também importante para a convivência entre alunos e professores. Era uma oportunidade generosa e eu me sentia muito grata sobre tudo isso. Eu me perdia facilmente entre um pensamento e outro.

Foi perdida em meus pensamentos que fui junto com todos no sentido de nossa embarcação. Ali todos se acomodaram e então o tripulante deu partida. Estávamos todos bem cansados, porém felizes com tudo o que tínhamos vivido naquele dia. Minhas pernas doíam, mas aquilo era a coisa menos relevante perante as outras coisas maravilhosas que presenciei.

Lembro-me de que, nas aulas de Geografia e ELA, conversamos muitas vezes sobre o triângulo defensivo da Ilha. As fortalezas foram planejadas pelos portugueses e pelos espanhóis para defender os ataques vindos do mar, com objetivo de consolidar o domínio português nessa região que se configurou como um ponto estratégico fundamental para a navegação e ocupação do sul do continente americano.

As construções mais significativas deste período são as Fortalezas de Santa Cruz de Anhatomirim, a de São José da Ponta Grossa e a de Santo Antônio de Ratonés. Duas das quais visitamos. Elas formavam o triângulo defensivo da baía norte da Ilha de Santa Catarina.



O balanço do barco fazia com que meu estômago doesse e o cansaço chegasse junto com o sono cada vez mais rápido. Queria chegar logo em casa e simplesmente descansar.

Deixei-me levar pelo balançar da embarcação. Peguei no sono.

Despertei com a agitação dos alunos dentro do barco, mas não entendia o porquê daquilo até olhar a minha volta e perceber que nós já estávamos atracando no cais de Canasvieiras. Chegamos, estávamos em terra firme. Finalmente.

### Referências:

- \* <https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/irregularidades-se-proliferam-nas-areias-das-praias-da-capital>
- \* <http://www.guiafloripa.com.br/turismo/fortalezas/fortaleza-de-santo-antonio-de-ratonés>
- \* <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/igeof/index.php?pagina=notpagina&noti=3366>
- \* <http://www.fortalezas.ufsc.br/fortalezasanhatomirim/>
- \* Folder da Fortaleza de Santo Antônio de Ratonés – Guia de Visitação.

Algumas imagens



**Usina de**



**Vista exterior da Casa do Comandante e do Calabouço.**



**Vista lateral da nova Casa do Comandante.**



**Nossa**